

CARACTERIZAÇÃO DOS FATORES PERINATAIS ASSOCIADOS À MORTALIDADE EM GESTAÇÕES GEMELARES.

VI Congresso Cearense de Ginecologia e Obstetrícia, 1^a edição, de 22/07/2021 a 24/07/2021
ISBN dos Anais: 978-65-89908-46-3

VELA; Henry Wong ¹, CARVALHO; Francisco Herlânio Costa ², LEÔNIDAS; Gabriel Marcos ³, MIRANDA;
Luisa Rolim ⁴, SANTOS; Natália Ribeiro dos ⁵, MOREIRA; Hugo Torquato Souza ⁶

RESUMO

Introdução: A gestação é responsável por ocasionar uma série de modificações próprias. Considerando as gravidezes gemelares, tais alterações ocorrem de forma mais pronunciada, sendo responsáveis pelo aumento de intercorrências gestacionais e de desfechos desfavoráveis. Vale ressaltar que as variantes relacionadas ao adequado seguimento da gestação podem ser divididas em 3 categorias principais, sendo elas: gestacionais, maternas e fetais. Visto isso, infere-se a importância de compreender as variantes modificáveis que podem ocasionar morte neonatal e perinatal. Nessa perspectiva, o presente estudo tem como objetivo analisar e relacionar dados determinantes na mortalidade perinatal e neonatal a fim de reduzir as repercuções obstétricas e neonatais adversas. Material e Métodos: Foi realizado estudo transversal retrospectivo de 615 prontuários de gestações gemelares cujos partos foram realizados na Maternidade Escola Assis Chateaubriand (MEAC)/UFC entre janeiro de 2014 e dezembro de 2019, levando em conta variáveis perinatais e neonatais expressos em forma de tabelas e gráficos e analisados sob preceitos da literatura mundial. Resultados: Referente aos desfechos de óbito, observou-se que a mortalidade neonatal e perinatal foi respectivamente 9,0% e 8,8%. Quanto à mortalidade neonatal, nos 25% dos casos em que as gestantes não realizaram o pré-natal houve óbito do neonato, enquanto que, entre o grupo de gestantes que realizou o pré-natal, esse número caiu para 8,4%. Constatou-se também que gestantes com mais de 6 consultas durante o pré-natal apresentaram óbito neonatal de 1,9%; as com 5 ou 6 consultas, de 14,7%; e as com menos de 4 consultas, de 25,1%. Verificou-se óbito neonatal em 60,6% do grupo que demonstrou APGAR 1 minuto <3 e em 51,3% do que apresentou APGAR 5 minuto <7. Em 67,8% dos casos com idade gestacional igual ou inferior a 28 semanas houve óbito neonatal. 66,4% dos neonatos com peso igual ou inferior a 1000g teve como desfecho o óbito. Quando o destino do neonato foi a UTI, o óbito ocorreu em 19,4% dos casos. Em 11,0% dos casos com intercorrências maternas na gravidez houve óbito neonatal. Discussão: Evidenciou-se que a baixa adesão ao pré-natal, valores de APGAR de 1 e 5 minuto, respectivamente, menores que 3 e 7, idade gestacional abaixo de 32 semanas, peso ao nascer menor que 1kg e necessidade de UTI neonatal estão intrinsecamente relacionados aos desfechos desfavoráveis neonatais. Além disso, foi possível estabelecer que a intercorrência materna mais incidente nos casos de morte neonatal foi a prematuridade. Vale ressaltar que os desfechos desfavoráveis se concentraram no período neonatal, especificamente em sua fase precoce.

PALAVRAS-CHAVE: Mortalidade neonatal, Gemelaridade, Perinatalidade

¹ MEAC - UFC, ligagoufc@gmail.com

² MEAC - UFC, herlaniocosta@uol.com.br

³ Universidade Federal do Ceará, leonidasgabriel@alu.ufc.br

⁴ Universidade Federal do Ceará, luisarolm@alu.ufc

⁵ Universidade Federal do Ceará, natalaribeiro.qmc@gmail.com

⁶ Universidade Federal do Ceará, hugo.torquato@hotmail.com